



FRAGMENTADAS

Narrativas contemporâneas diversas
de escritoras de Poços de Caldas

POR QUE FRAGMENTADAS?

Porque somos, cada uma de nós, fragmentos de histórias que formam um todo, que é esta coletânea.

Assim, nossa proposta é a produção de uma Coletânea Literária que valorize, divulgue e compartilhe a escrita de mulheres poços-caldenses, dando especial atenção a novos talentos, procurando ao máximo a diversidade não só de linguagens, passando pela poesia, crônica e contos, como também pela variedade de realidades e vivências.

Por isso, fazem parte da **Fragmentadas** mulheres escritoras de muitas cores, corpos e regiões da cidade, no desejo de termos uma representatividade de realidades, que são diferentes, e impactam, de maneira significativa, as experiências da escrita em cada uma de nós.

Desejamos a vocês uma boa leitura!

FRAGMENTADAS

Narrativas contemporâneas diversas
de escritoras de Poços de Caldas

**O lado
vazio do sofá 6**

**Vem na sexta
e fica
até domingo 22**

Fragmentos 26

**Enquanto você
dorme 28**

**Sobre nós
56**

Varandas 10

Resistência 18

**A criança
amarela 32**

**No bosque
encantado 38**

**Entenda.
Entende? 54**

O Lado vazio do sofá

Francielle Christine



Na brisa úmida que entrava pela porta da sala aquecida pela cortina amarela-tostada, ela não sabia se estava acordando ou se estava nascendo naquele sofá de tecido ruim, destes que grudam na pele. Mas não era só isso, o cenário de tal despertar era também um cemitério de musgos compostos de suor, migalhas de pão, vãos empoeirados, marca do naufrágio de sabe-se lá quantas nádegas, casquinhas de pele e fios de cabelo branco. O ser parecia um bebê demasiadamente triste e silencioso, de olhos com a profundidade do abandono e os riscos de uma canetinha seca.

Pensava em permanecer quieta — sem considerar que tal condição já lhe fora imputada — para observar os passageiros do sofá. Um filho bêbado foi o primeiro a lhe fazer companhia, ficou na sua frente e discutiu com raiva sua ausência. Depois a neta mais velha chegou e de longe lhe encarou tão dentro, que ela mesma achou de novo que poderia ter uma alma. A irmã passou, tentando olhar em sua direção, mas desviava os olhos muito mais do que permanecia. À tardinha, quando tudo parecia mais calmo, a filha conversou com ela e chorou toda a água do Oceano Pacífico e como se sabe, esse oceano nada tem de pacífico, sendo tal título apenas um erro de percepção a ecoar pelas bocas automatizadas. Um jovem sentou-se ao seu lado, olhou timidamente como quem pede desculpas. E foi assim que por meses ela remou no sofá, alimentando-se de fragmentos de memórias romantizadas e tentativas narcisistas de redenção de cada passageiro sombrio que embarcava no sofá e respeitava a sua invisível existência apenas para não se dedicar àquilo que lhes era, de fato, tangível.

Foi tentando se decompor que descobriu que não era um cadáver. Tentando rezar, descobriu que não era anjo. Tentando assombrar, descobriu que não era fantasma. Tentando quebrar, descobriu que não era espelho. Até que aceitou os limites da sua natureza, buscando apenas aquilo

que lhe era possível e útil: existir da esquiva alheia. Sendo assim a mais esdrúxula antítese de um vazio que ocupa espaço.

Depois de dois anos afundada naquele sofá vazio, a neta mais nova — que nunca chegara a conhecer — passou por lá, simplesmente não desviou. Ignorou a sua presença justamente porque não a considerava. Sentou, mas não em seu colo. Apenas descansou o corpo em um móvel com braços e encosto. Foi então que a liberdade transformou toda a consciência coletiva daquela família refletida no lado vazio do sofá em um ponto final no céu. E a última manifestação daquele ser rabiscado de infernos foi um suspiro lento e aliviado, como o alongamento de um músculo rígido na eternidade.

Varandas

Leila Vilhena



Não tive uma infância difícil, éramos eu e minha mãe num apartamento legal na cidade de Acácias. Era uma cidade que ajudava a nós duas sermos solitárias. Ela mudou para lá por causa do trabalho e não conhecia ninguém. Dizia que naquela idade era difícil fazer novas amizades. Não sei se ela estava muito certa porque pra mim também era muito difícil fazer amizades, mesmo sendo criança. Eu era a garota do cantinho do pensamento na escola. A sem amigos, a sem interesse, a quase invisível. Eu era assim, calada, avoada, gostava mesmo era de música e com meu fone no ouvido vivia uma vida um tanto quanto desinteressante.

Minha única “amiga” era a Lilian, professora de música. Eu fazia aula de flauta. Ela era famosa na cidade. Estudou na Europa, fez turnês pelos quatro cantos do mundo e se apaixonou justo por um rapaz da minha cidade, essa cidade minúscula. Na época lembro que achei romântico. Mas hoje me pergunto por que foi ela quem abandonou a vida que era dela e era também sonho, para ir morar naquela cidade sem sentido? Por que não foi ele quem largou tudo (e o tudo dele nem era assim tão tudo) para estar com ela?

Eu gostava da Lilian, era atenciosa, moderna e talentosa. Quando chegava na casa dela eu não perdia um minuto e já ia pegando minha flauta, que como era iniciante, era a Doce. É tão legal pensar nesse nome “flauta doce” e brincar de tentar achar o melhor doce para ela. Eu toco flauta brigadeiro, ou eu toco flauta de pudim? Quanto a mim, não virei musicista, mas de qualquer forma essa minha história com a flauta bombom acabou rendendo uma ilusão, que depois virou uma desilusão amorosa infantil. Acreditem ou não.

Um dia dessa infância desinteressante qualquer, lembro que estava quietinha e borocoxô na sala assistindo um filme, quando escutei o som de um violino vindo lá de fora. Deixei meu corpo sentir aquele som e me senti leve,

como se estivesse levitando em um show de magia. De repente ouvi um grito da minha mãe.

— Vem aqui na varanda, corre!

Eu não corri, claro, ainda estava me recuperando do susto. Ela continuava eufórica:

— Olha que lindo! O vizinho da frente, do seu tamanho, ele toca violino. Olha a música que ele está tocando!

— Nosso vizinho? Mas eu nunca o vi! Será que ele mudou faz pouco tempo?

— Não importa, filha, agora a gente já sabe que temos um músico bem em frente a nossa sacada. E é uma música que a gente ama. Você toca ela na flauta?

— Sim, mãe, claro, “Let it be”. Você me faz escutar Beatles desde que eu era um bebezinho. Eu já toquei sim em algumas das aulas com a profa Lilian.

Minha mãe estava maravilhada e eu intrigada. Como aquele garoto apareceu assim do nada nas nossas vidas isoladas? Como ele tocava bem, como era lindo, cheio de estilo. Poderia dizer até que ele era cheiroso. Era um sonho.

Acordei novamente do meu transe quando minha mãe de novo soltou um grito:

— Vai lá, pega sua flauta, toca junto com ele!

— De jeito nenhum.

Fui enfática e entrei na mesma hora. Imagina, minha mãe seria capaz de me forçar àquilo e iria morrer de vergonha para o resto da vida. Mas fiquei ali, escondida atrás da cortina vendo tudo aquilo acontecer. O garoto dos meus sonhos existia.

No outro dia acordei querendo que escurecesse logo, para eu poder ver o vizinho tocando na varanda. O dia passou arrastado. Mas enfim, chegou a noite e nada aconteceu. Esperei, rezei, esperei e rezei de novo e nada. Dormi triste e na noite seguinte e na outra e a outra, ele não



aparecia. Cheguei à conclusão que deveria ter sido sonho mesmo.

Mas não é que quatro dias depois eu escutei aquela música de novo? Sim, era de verdade! Corri na janela. Que lindo, ele, a música, a lua, as estrelas, o universo!

No impulso, porque até hoje não sei de onde tirei a ideia e a coragem, corri até o quarto e peguei a minha flauta quindim. Tinha que mostrar para ele que eu também existia, que eu era sim, o amor da sua vida.

Dura que nem uma estátua, eu abri a caixinha, peguei a flauta pavê e o acompanhei no violino. Ele levou um susto quando me viu. Errou algumas notas, olhou para mim, bem nos meus olhos e sorriu. Sim, ele sorriu. Depois de tantas noites dormindo triste, a noite de dormir feliz, enfim chegou! E foram várias, porque passamos a tocar juntos todas as noites, durante duas semanas seguidas.

Pelo que lembro, nos quatro primeiros dias a gente sempre tocava a mesma música. Mas no quinto dia, aconteceu algo muito filme sessão da tarde. Estava distraída com um livro de colorir quando vi entrar pela janela da sala um aviãozinho de papel. Achei estranho. Peguei-o e analisei minuciosamente com uma lupa de brinquedo que veio com um kit de investigação que havia ganhado no natal. Com toda curiosidade e perspicácia de quem cresceu assistindo Dora Aventureira, percebi que o papel que usaram para fazê-lo estava todo escrito. Que letra feia!

Ao abrir percebi que tinha também um desenho, bem mais bonito que as letras. O desenho era de uma menina parecida comigo, tocando flauta. Uai, sou eu!? Com o coração acelerado comecei a ler. Foi difícil, por causa daquela letra. O que eu consegui entender, dizia mais ou menos assim:

Oi, flautista! Não sei seu nome, então vou te chamar assim. Meu nome não é Violino, e sim Lucas. Estou passando algumas semanas aqui com minha tia porque minha mãe

está doente, internada no Hospital das Melancolias. E eu peguei catapora, não posso estar perto de ninguém por agora, só da minha tia, que também já pegou quando era criança. Daí eu não posso ficar lá em casa sozinho, nem ir pra escola. Mas agora eu tô gostando de ficar aqui porque eu conheci você! Tchau, você sabe tocar Yellow Submarine?

Sim, eu toco, pensei. Mas eu também queria contar para ele meu nome. Só que eu não sabia fazer aviãozinho. Peguei umas folhas de papel e fui tentando imitar o dele, mas quando eu jogava para cima, ele subia com a força do impulso, mas rapidinho o bico virava pra baixo e estabacava no chão. Foi quando tive a ideia de fazer uma chamada de vídeo com meu avô. Eu já estava com saudade dele mesmo e ele sabia das coisas. Ia me ajudar a fazer um superavião, que ia atravessar a rua e pousar bem na sala da tia do Lucas.

Pedi para minha mãe e ela ligou. Ficamos conversando um tempo e quando já tínhamos falado da jabuticabeira, do manjeriço, e depois dos gatos dele, eu perguntei:

— Vô, você sabe fazer aviãozinho de papel? — ele respondeu que sim e isso foi mais quase uma hora escutando sobre todas as brincadeiras dele com os irmãos, de quando eram pequenos. E foi assim que aprendi a fazer o avião-carta.

Escrevi no papel, antes de produzir o avião, que meu nome era Laila e que eu morava ali mesmo, com minha mãe, que ela era muito legal e que eu estava muito feliz de ter ele ali tocando comigo na varanda todas as noites.

Depois disso foi avião pra lá, aviãozinho pra cá. Combinávamos a música que tocaríamos durante a noite e ainda contávamos como foi o nosso dia. Com certeza a chegada do Lucas nesses dias foi o que melhor aconteceu comigo durante toda a minha infância desinteressante.

Eu só pensava e esperava a noite chegar. Um dia achei estranha a chegada de um aviãozinho, porque pela primeira

vez era feito de papel colorido. Quando eu o abri, estava escrito um pedaço da letra da música que ele queria tocar naquele dia. Eu não conhecia, pedi para minha mãe olhar comigo no computador. Sim, era uma música de despedida. Entendi bem, a mãe com certeza tinha saído do hospital (o que era uma coisa boa) e a gente tinha que se despedir. Minha mãe imprimiu a letra e a partitura para flauta limão e passei o dia ensaiando.

(...) Você, é mais do que eu sei
É mais que pensei
É mais que eu esperava, baby
Sou feliz agora
Não, não vá embora, não
Não, não, não
Embora, não
Vou morrer de saudade
Não, não vá embora
Vou morrer de saudade (...)



Resistência

Lídia Kellen

Não precisamos só de um dia de consciência negra,
Precisamos de 365 dias de consciência humana.
pois do mesmo jeito que eu aprendi que sou negra,
Você deve aprender que eu também sou humana.

pois é fácil nascer e ter tudo na mão,
já temos que aprender a ser forte mermão.
e vivemos andando na contramão,
vocês pequenos indo pra escolinha, e nós cuidando dos
irmãos.

papai trampando,
mamãe chorando na beira da cama orando.
e grande era nossa alegria quando ele chegava com uma
sacola de pão,
do escritório? Não! da roça cheio de calo na mão.

quantas vezes reclamando de fome,” tudo vai passar” meu
pai me dizia.
consciência lotada, geladeira vazia.
uns vestindo do bom e do melhor,
nós também só que era roupa do brechó.

e muitas vezes eu só queria entender,
o que eu fiz pra você.
me explica!
por quê quando eu chego perto você me evita?
me vê chegar e esconde tudo no bolso,
mas na verdade eu estava indo trampar para encher o meu
bolso.

e ter que lutar dia após dia contra o racismo,
pra você vir me dizer que é vitimismo.
não calma aí! vou ter que te dar um suporte,

você não entendeu o significado da palavra forte.

tive que ser adulta com 10 anos,
Papai e mamãe trampando.
Eu cuidando dos irmãos, lavando e passando.
despertando em mim uma adulta, uma adulta cheia de
danos.

você sabe o que é ir pra escola e todos te zuar?
trevas, preta do cabelo duro, neguinha macaca.
e você chorar no canto, por causa de um babaca?
sozinha, e desde pequena você tem que lutar.

chegar da escola e em casa chorar,
e ouvir seus pais dizendo “ tudo vai passar, você só precisa
ignorar” .
acordar todos os dias com a esperança de que tudo irá
mudar,
bom acho que o mundo ainda tem solução então não custa
tentar.

**Vem na sexta
e fica
até domingo**

Marcelle Móras

Com certeza o relógio parou. 16 horas e você apoiado no carro com uma expressão convidativa. As mochilas e os equipamentos no porta-malas. E todos os filmes que essa narrativa pode virar. Domingos, partidas e chuvas. São coisas que molham. Amor também. Você abre a porta em simulação, sorrindo, com cada fração do seu rosto, movimenta a mão em direção ao assento do passageiro: vamos? Eu titubeio um passo, às vezes o coração age. Impulsos da aorta. Que vontade de ir e conversar com você por quase 300 km, cantar suas músicas, escutar suas histórias, aprender mais de você e vez ou outra me apaixonar. Flertar com seu destino de homem nas estradas e suas fotografias nômade. Nunca saberemos sobre 2015, mas no ano corrente, apesar de seus desastres, apesar, apesar de... Aconteceu que nos encontramos. Nervosos. Pandêmicos. Sem saber onde colocar as mãos e as máscaras. Certos que saberíamos onde colocar a boca. Você chamou, acenou, saiu do carro e atravessou a rua, um abraço. Hiato. Pronto, era indiscutível. Eu ia gostar de você. Eu só não sei exatamente quanto tempo levaria pra eu perceber da saudade que isso de gostar de alguém iria me causar. Entrei no seu carro depois das compras e o caminho levava até a minha casa. Não me incomodou esse lugar, de alguma forma esse lugar me era genuíno. Me pertencendo. E eu ficava bem ao seu lado — estética e emocionalmente bem. Eu não me lembro com precisão geográfica quando foi que você me beijou. Talvez na cozinha, talvez no quarto, na porta do banheiro, no chão da sala, na cama, com as mãos, na meia luz, em público ou em pontos turísticos. Eu não sei, mas aquela delícia dos lábios distantes e úmidos, próximos demais para um beijo — esse espaço se desfez, virou intervalo, pausa, período que afasta ou separa dois pontos — quando no meio do beijo eu parei para olhar sua boca, seus olhos, sua fisionomia e tudo o que

está relacionada a ela e seus motivos indecentes. Você é lindo. De fato, sua beleza ainda não tinha textura nas minhas mãos. Eu gosto dos seus cabelos, suas mãos macias, da sua pele e de encontrar suas coisas nos cômodos — presença. A sua forma sensível de habitar o mundo, pisciano, a sua delicadeza em lidar com a vida e esse seu cheiro logo ao levantar, seguido de um “bom dia”, uns afagos felinos e um olhar pretensioso. É coisa fácil de se acostumar. As fotos não vão ficar boas, mas servirão para orientar as reminiscências do hipocampo quando a vida for dura demais. Eu disse que era tímida. E com tempo você vai (me)descobrir que essas nuances no sorriso ou o brilho nos olhos de quando te desejo, não vão sair nos negativos, não importa a quantidade de poses. O que não é um contratempo, eu vou estar por aqui e onde mais couber. Se você não vem eu vou.

Enquanto capto esses fragmentos do tempo, chove, escuto os ruídos da água, sinto o cheiro da água, água na terra, água na planta. Eu agradeço. São coisas que molham. Gostar de alguém é uma fatídica ocasião beatificante nesse mundo entre dentes. Desconheço acaso mais sutil e místico do que esse de gostar de alguém: por uma eventualidade desconhecida se encontram entre bilhões de pessoas. Os olhos se acertam, as agendas se ajustam e ocorre que se permitem. Tem sempre um magnetismo nisso de ser com você e não com outros, e não com outras. E pronto... Campilho nos despertou: “mercúrio se multiplicando”. Deu tudo errado! O combinado não era esse apesar do que já sabíamos. Eu te desenho com as mãos espalmadas e contemplo seu rosto, intimamente, enquanto experimento suas texturas pelas pontas dos dedos e da língua. Depois de ver seus olhos nos meus, eu nunca mais vou te inventar em preto e branco. É impossível. Você virou conto, apesar da poesia.



Fragmentos

Maria Izabel

tenho fragmentos de uma vida sem o seu cheiro
tenho fragmentos de uma vida sem você
eu achava que era necessário tê-lo
lhe pertencer,
mas descobri
que antes
de ser sua
era necessário eu ser minha

mas ainda há fragmentos de uma vida
a qual eu achava que não teria graça sem você
mas fiz as pazes com o meu amor-próprio
e dei a mão ao pensamento que eu mereço mais
e caminhei só
só com a minha própria companhia
e quer saber?
foi libertador,
eu nunca me senti assim antes.
No final era tudo dependência
eu que sempre depusitei meu emocional em você
encontrei abrigo em mim mesma
o amor que sempre procurei
de tanto procurar
descobri

descobri que ele mora dentro de mim



Enquanto você dorme

Paula Azevedo

enquanto você dorme
e é noite lá fora
o tempo passa aqui dentro
e ele é um lugar

enquanto você dorme
não tem lua, tem estrela
e menino na rua
e o tempo é um lugar
um lugar sombrio e estranho
solitário e doente

enquanto cê dorme
mais de mil fazem passagem e a morte
tomou lugar na mesa, paciente

enquanto cê dorme
eu sinto meu corpo melado
de suor e neblina fina
o sangue quente atrás da orelha
e pode ser por que a gente falou de raiva

mas eu acho. não. eu sei
eu acho que sei
que a quentura tem a ver
com um beijo que cê me deu
enquanto não dormia

mas agora cê dorme
e eu consigo ver
que enquanto cê dorme e respira
o hálito que sobra
tem cheiro de fé e tranquilidade
e aí eu lembro que poucos
quAAAAse raros
encontroS
agora envolvem hálito.
ou toque.
ou pele e profundidade.
é tudo tela e máscara

enquanto cê dorme
eu entoo o nosso mantra
REVOLUÇÃO... REVOLUÇÃO... REVOLUÇÃO...

e a revolução nesses tempos agora
é um lugar com desejo. MU DAN ÇA

e enquanto cê dorme
as estrelas saem do lugar
para nos dar vez e luz

enquanto cê dorme eu beijo
entre o pescoço e o osso

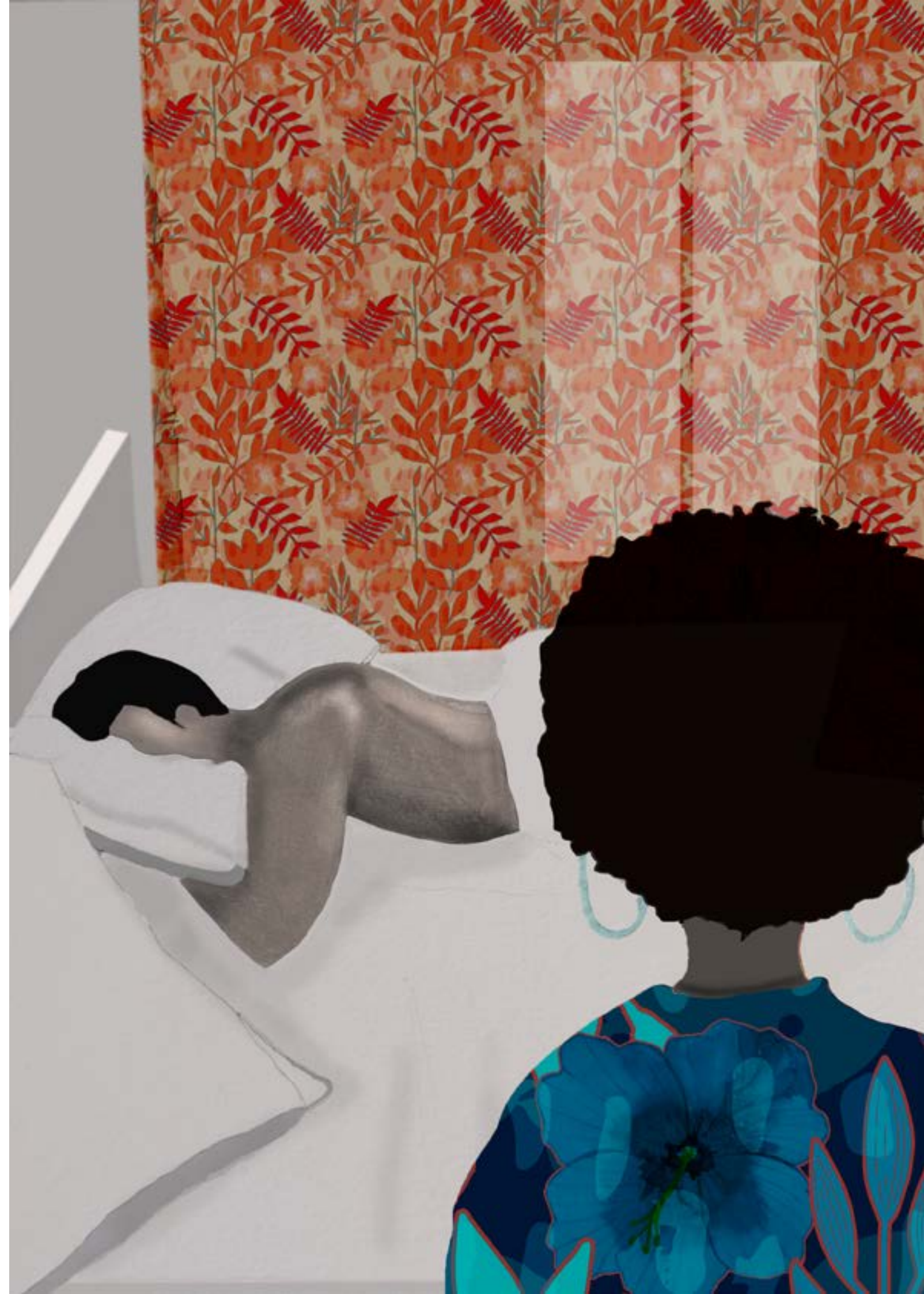
que termina ou começa no seu ombro
e esse espaço vazio
me dá aconchego
e eu percebo que caibo no seu abraço

quando cê dorme ou quando tá acordado
e isso é A FE TO
e me afeta tal que de repente
eu me transformo e refaço

o mantra que repito enquanto cê dorme
e percebo que nesse tempo pandemia
o lugar do futuro também é no agora

que tudo bem eu acordar enquanto cê dorme
e que o lugar do seu lado tem espaço de esperança
desse lugar que eu falo e cê alcança
e colore com tons infinitos
e enquanto cê dorme

eu rezo pro tempo ser meu amigo
e aprendo outro mantra revolução
que ainda não sei de cor
AMAR... AMAR... AMAR... A GO RA



A Criança amarela

Poliana Magalhães

O filho nasceu amarelo. Todos vinham ver a criança amarela.

Quando engravidara, a mãe se afligira. Gostaria, quem sabe em outra vida, de poder ter se desfeito dele, antes mesmo que fosse feto. Desfazer do ovo fecundado, antes mesmo que fosse gente.

Nunca desejara a maternidade. Gostava de ser desejada.

Ao descobrir a gravidez, sentou-se no cetim e chorou. Olhou-se no espelho, lágrimas lavadas de preto. Desejava-se desde sempre, desde quando fora desejada. Como poderia alguém desinvadir aquele corpo feito para enrijar homens? Como maculariam suas compleições meticulosamente desequilibradas, que sobravam onde deviam, carnes balançantes que entorpeciam olhares, pouso de suspiros e gozos.

Pensou em livrar-se do ocorrido. Olhou ao redor. As imagens das santas espalhadas em sua casa cobravam -lhe. Como esconder-se delas? Decidiu então não contar a ninguém, nem mesmo às santas da casa.

Se não fizesse do fato verbo, quem sabe fizesse dele inexistência?

Era isso. Deliberou uma testemunha única. E apegou-se à fé. Toda noite rezava: *Virgem santa mãe de deus, livrai-me do mau, livrai-me do meu.*

E a repetição mental persistia até que o sono a levasse.

À primeira hora desperta, corria a trocar-se e tocar-se para ver se o sangue da morte lhe traria de novo a sua vida. Enfeitava-se como de costume e só saía do quarto com muitos cheiros e texturas.

Não, não se alijaria de ser desejada. Aquele era o seu viver.

Mas o tal organismo que se alimentava do seu organismo não desistia. Nenhuma mancha de sangue viera, dia nenhum, macular a angústia de seus dias.

À noite as rezas vinham cada vez mais fervorosas. De antemão, o rebento crescia. Vingaria. Dela e da sua audácia de mulher.

E ela foi se arredondando, não mais nas partes que atraíam os olhos cobiçosos, mas naquelas mais desprezadas. Seu ventre de mulher parideira que só queria o devir e o cintilar da fertilidade agora vinha a ser. Boleando-se na forma mais abominável.

Não adiantavam as rezas, as expectativas do sangue espontâneo, o não dizer. Seu corpo a cada dia se sacralizava, como que num episódio bíblico. As santas da casa lhe faziam reverência, celebrando seu destino de mulher.

O desespero violentava a esperança. Por medo, as rezas continuavam: *Virgem santa mãe de deus, livrai-me do mau, livrai-me do meu, livrai-me de mim.*

Mas o corpo da mulher boa metamorfoseava-se em mulher bondosa. E ela nauseava, em vômitos infindáveis, enjoada daquela condição. Enchia-se de mais sangue, sem gota desperdiçada.

Foi então que num dia de céu amanhecido cinza, esmigalhou-se a vontade dela. Estava rendida. A criança lutante não desistira. Batalha perdida, a mulher enlutou-se. Tirou suas rendas e babados que rendiam os homens e roçavam-lhes as gosmas. De frente ao espelho, enudou-se. Olhou para seu ventre globulando. No lugar dos peitos havia

mamas. Estava escrito: perdera o que até ali lhe tinham dito sobre o que era ser mulher. O que era ser mulher.

Não mais seria alvo dos olhares e gozos masculinizados, desejosos de dominar seu corpo. Não mais lhe tocariam com violência. A penetração forçada, que vivera tantas vezes cumprindo seu papel de mulher, vinha agora às avessas, violando-a de dentro para fora. Os toques indesejados de outrora vinham agora de um ser minúsculo, que a aliciava por dentro, sem pedir licença ou consentimento. A penetrância era inédita. O corpo costumeiramente violentado não se defendia nem atacava o pequenino corpo estranho.

A imensidão do ventre tomava conta do espelho. Seus olhos foram subindo, automatizados, à espera de se encontrarem. Foi quando percebeu suas feições a desaparecer. Apertou os olhos, forçando-os. Não, em volta tudo era como antes, com nitidez e contornos, mas ao lançar seus olhos para si percebia que estava em desfoque, qual visão de míope. Virava a cabeça, na tentativa de em novo ângulo encontrar-se, mas não conseguia examinar de perto os pormenores do rosto. Lançou-se às mãos, sabia que estavam ali, mas era como se lhe faltassem. Constatou por fim que sem o desejo de si, não mais podia se ver. E que o tal desejo que sempre nutrira de si era espelho do outro, dos olhos outros que a viam, das mãos outras que a apalpavam. Sem olhos ou mãos de estranhos fazendo seu corpo, desmoldara-se, irreconhecendo-se. Sua imagem não mais refletia, ao passo que passou a sumir.

E ela sumia a cada dia. A cada dia descobria uma nova nuance de inexistência. À medida que o útero se avolumava, os contornos da mulher se dispersavam, agora cobertos por pontos de ausência, como auras enxaquecosas. Sem ser vista, a luz não mais refletia em seu corpo para adentrar as córneas alheias e formar ali imagens, as tais imagens de si.



Ninguém mais a desejava. Os outros tantos outros que se regalaram em sua carne e se regozijaram nela esquivaram-se para sempre, fingiram não ser com eles.

Desfilava agora a mulher sem reflexo. Passava à frente das vitrines e nada dela refletia no vidro limpo. O piso encerado nem se dava ao trabalho de notá-la. E a mulher continuava a sumir, a cada dia que o corpo se avultava.

Vulto de nada, a mulher desapareceu na sua gordura prene. Como não era percebida, o desaparecimento caiu no esquecimento.

Foi quando a criança nasceu. Amarela. Ao sair do corpo da mãe, ainda trazia o vermelho do sangue sob a pele. À medida que o corpo estreante ganhava a luz, ia ficando amarelo. No começo o rosto, depois a amarelidão desceu ao tórax, avançou o abdome e correu às pernas até alcançar as plantas dos pés do menino. Pés de menino. O menino de plantas e palmas amarelas. E olhos amarelos, imensos, interolhando esquerda-direita, cima-baixo, como se exercitasse militarmente a procura. Seu corpo à parte procurava pelo corpo fonte, o corpo que não fazia dele amarelo.

E todos vinham ver a criança amarela. Olhos curiosos queriam ver a criança amarela. A retina da mãe, porém, se recusava a converter luz em leitura daquela imagem de menino.

Abstinentes dos olhos maternos, o filho só ganhava amarelidão, sete dias e sete noites. Foi quando no oitavo dia seu cérebro amareleceu. Os olhos ficavam abertos, ostentando ao mundo o amarelo do seu branco. Entredentes, os visitantes diziam que o sangue da mãe era diferente do sangue do filho. Os braços amarelos agora eram braços amarelos e rijos. A criança jejuava e os olhos imensos continuavam a busca: esquerda-direita, cima-baixo, esquerda-direita, cima-baixo, incansáveis.

De repente o filho arqueou, como se quisesse levantar-se do leito, como se forçasse um novo ângulo de ver e ser visto. Um choro agudo quebrou o silêncio, longo e único.

E o silêncio se restaurou, também amarelo. Ganhou força e calmamente se levantou. Abandonou o corpo da criança e como quem segue um trajeto tracejado no chão, alcançou a mulher. Subiu-lhe entre as pernas rumo ao ventre e desatou-se em sangue. Num contrafluxo o sangue desceu, esquentou por instante as pernas de mulher e dançou em círculo, inundando uma poça que se imensidou.

E o silêncio renasceu, vermelho. Todos vinham velar a criança, e ela.

No bosque encantado

Renata Couto

I

Já passava da meia-noite quando ele chegou no apartamento do João. Foi a primeira vez que o vi. Quer dizer, já o tinha visto sim, mas acho que nunca tinha reparado nele e no seu sorriso sem graça. Ele demorou para me cumprimentar. Do meu ponto de expectativa. Quando fui até a cozinha pegar gelo ele entrou logo atrás e sorriu para mim. Sem graça. Sorri de volta, sem dentes. Ao invés de pegar mais gelo, resolvi completar o copo com gin. Ele pegou uma cerveja na geladeira, e antes de fechar a porta falou, sem olhar para mim, “A gente tem se cruzado bastante ultimamente”. Não me lembro se respondi, comecei a limpar a mancha vermelha de batom que tinha deixado no copo. Ele chegou mais perto, “Vai manchar de novo”. “Eu sei, não me importo”, foi o que respondi. Ele sorriu. Sem graça. Daí eu olhei bem para o rosto dele e percebi que na verdade ele sorria mesmo era com os olhos, assim grandes, iluminados. Tão alegres que eu nem sei dizer de que cor eram. Ele começou a falar, nem me lembro o quê. Só sei que fiquei olhando para o rosto dele com vontade de dizer que não me importava, tipo assim, viver de um sorriso sem graça se ele me promettesse que me deixaria passar o resto da vida tentando descobrir de que cor eram os olhos dele. Claro que não falei isso. Não me lembro o que eu disse. O sorriso dele queria ouvir qualquer coisa. O meu olhar só queria o dele. Não me lembro quando saímos da cozinha, mas eu nunca mais voltei para a sala.

II

Foi por volta de uma tarde que eu cheguei na galeria lá no centro. Eu sabia que ele estaria lá. Tem uma coisa estranha que acontece com as pessoas que vivem em centros urbanos, nunca vou entender o porquê de a gente querer

dizer ou fazer algo por alguém que te despertou qualquer sentimento por menor que seja, e não faz nada. Ele me viu. Eu o vi. O mesmo sorriso sem graça dele. O mesmo sorriso sem dentes meu. Ele sumiu. Eu continuei conversando com meus amigos. Não sei dizer quanto tempo passou, mas de repente começou a tocar uma música da banda que ele tinha me apresentado naquele dia da casa do João: “...She looked into my eyes and a voice said run, she says that I’m a mess but it’s alright, whether it’s two weeks, two years or just tonight...”. Uma voz veio de trás, “She wants revenge’, lembra?”. Olhei para trás. Sorri com dentes. Ele continuou, “Coincidência?”. “Sincronicidade”, respondi. “Jung, né?!”. “É”, respondi olhando para o meu copo. Ele riu. Meio que sussurrou um “Eu sabia”. Fingi que não ouvi e dei um gole no sei lá o que eu estava bebendo. Cinza. Cor de mel. Ainda não conseguia dizer de que cor eram os olhos dele. Tentei não ficar olhando muito para os olhos dele porque daí ele teria que olhar para os meus também e não sei se estava preparada para que ele descobrisse a cor dos meus olhos. De alguma maneira o sorriso sem graça dele naquela tarde já não me parecia assim tão sem graça. Daquele momento em diante o olhar e a atenção dele estavam todas voltadas para mim. Meu olhar, minha atenção e meus suspiros contidos eram todos dele. Aquilo foi mais bonito do que as ligações que não recebi ou as mensagens que não mandei. Não me lembro que horas saímos da galeria. Mas meus amigos... Naquela tarde, não os vi mais.

III

Terça-feira de outono, por volta das 3 das tarde, o celular toca, “Então, amanhã eu vou fazer um trabalho perto da paulista. A gente podia, sei lá, tomar um café.”, a voz dele do outro lado. “A gente pode, sei lá, tomar um

café.”, arremedava eu deste lado. Risos sincronizados. Foi a primeira vez que nos falamos por celular. A voz dele parecia estar tão comigo. Mesmo feliz por ele ter ligado, estava um pouco incômoda de encontrá-lo num dia útil, com roupa de semana, cara de trabalho e sem o comissário “desconstrangedor” do álcool. Eu queria tanto que ele gostasse da minha versão rotineira, mas muito mais do que da versão descolada do fim de semana. Mais ainda, eu queria gostar da versão quarta-feira dele. Sempre me encanto pela realidade do meio do dia. A noite me confunde, não enxergo bem com lua e estrelas. A gente se encontrou numa alameda. Ele sorriu sem dentes. Eu sorri sem graça. Ele estava sentado numa mesa de canto. Eu me sentei de frente para a rua. Me lembro de voltar ao trabalho menos de uma hora depois. Mas daquele café, eu nunca mais voltei.

IV

Isso foi o que mais me cativou de começo. Quando queria me ver, ele me ligava. Como a gente fazia nos anos 1990. Depois daquele café, trocamos algumas mensagens, a outra ligação veio uma semana depois. Eu poderia ter ligado. Foi uma semana atribulada. As mensagens eram o tamanho ideal da comunicação. Foi impossível não sorrir ao atender, “... Amanhã à noite vai rolar um som na loja da minha irmã. Vamos?”, convidou ele. “Vamos. Do que é a loja dela?”, respondi. Do que é a loja dela? Será que eu não tinha algo melhor para falar? Era a primeira vez que ele fazia um convite direto. Eu respondi sem pensar. Também achei estranho eu só descobrir naquele momento que ele tinha irmã, ele já sabia que eu tinha irmãos. Fiquei pensando se talvez eu não tivesse prestado atenção quando ele falou. Já comecei a achar que eu falei demais, que me abri demais, que deveria ter me contido, medido as palavras. Já fiquei encafifada. Todas

as minhas “nóias” se amontoaram na minha cabeça feito as roupas na cadeira do quarto para passar. Numa conexão totalmente bizarra eu achei que a solução era comprar uma roupa nova. A única coisa que abafaria o barulho da minha intranquilidade era se eu estivesse perfeitamente vestida sem esforço. Quando eu cheguei na porta da loja eu não conseguia distinguir nenhum rosto. Senti uma mão no meu ombro, seguido de um inocente beijo na bochecha, “Oi. Vem, deixa eu te apresentar a Vê.”, disse ele já me puxando pela mão. Algumas faces anuviadas mais tarde eu descobri que Vê era Veridiana. Enquanto a Vê falava entredentes sobre a coleção nova que estava lançando que tinha sido desenhada por uma amiga chilena, ele colocou o braço ao redor da minha cintura e puxou meu corpo contra o dele. Eu só consegui pensar: ainda bem que fui para casa trocar de roupa. Apesar do meu olhar direto e sorriso sincero para a irmã dele, não consigo me lembrar uma só palavra do que ela disse depois que a mão dele pousou na minha cintura.

V

Estiquei o braço para o mesmo vazio macio da cama de todas as manhãs. Ainda que não me incomodasse a solidude do meu cotidiano, meu olhar descuidado para o lado esquerdo da cama denunciava minha vulnerabilidade. Despertar me dá prazer e eu tenho carinho genuíno pelas manhãs desde que elas sejam silenciosas. Ajeitei minha camisola preta que na verdade era uma combinação e caminhei descalça até a cozinha. Antes que eu tocasse a cafeteira minha mente começou a me dar “flashes” da noite anterior. Não sentia ressaca, mas também não estava radiante. Liguei a cafeteira e fui lavar o rosto. Com o rosto molhado e o cabelo todo alvoroçado me encarando do espelho me veio a primeira lembrança da noite anterior.

Estava conversando com a Vê e ela me perguntou se eu havia conhecido o irmão dela no trabalho. Concluí que ele ainda não havia falado de mim para a irmã. “Fico feliz que meu irmão se sinta à vontade para te apresentar para mim”, disparou Vê com olhar decisivo. Com olhar confuso, sorri para o comentário que eu pouco entendi. Já com o café na mão e sentada na cadeira da varanda, tentei me lembrar com quem mais conversei. Não que eu tenha bebido muito na noite anterior. Me lembro dele me oferecer um Bourbon. Esse é o tipo de bebida que me desassossega a memória. Enquanto no quarto Bill Withers cantava, me lembrei do final da noite. Ele me trouxe até a porta do prédio. Desceu do táxi comigo. Fui tomada por uma desconhecida timidez. Depois de três segundos me olhando ele segurou minha mão direita entre as suas. Abaixou o olhar. Com a voz calma ele falou sem subir o olhar, “Você não se lembra que já nos conhecemos antes... já tem alguns anos.” Eu apertei os olhos, dei um sorriso intrigado meio de lado. Não tinha ideia do que ele estava falando. Ele me deu um beijo demorado no canto da boca, cheirou meu cabelo, me deu um sorriso enigmático e entrou de volta no táxi. Ainda com a xícara na mão eu repetia as palavras dele na minha cabeça “já tem alguns anos...”. Quando? Onde? Será possível?

VI

Eu ainda tinha uma revisão para terminar na parte da manhã. A dificuldade de concentração fazia o tempo passar arrastado. “Quando? Nos conhecemos antes? O que ele quis dizer com isso? Será possível esquecer alguém assim?” Nada. Nadinha. Nenhuma imagem que me remetesse a ele me vinha à cabeça. Mandeí uma mensagem para o Gabriel, a pessoa que desde que cheguei em São Paulo é um lar, um colo, um pedaço de bolo fubá com café

e uma dose Bourbon para mim. “Tá ocupado? Preciso falar com você.”, digitei nos susto sem introdução mesmo. Em menos de dois minutos ele me liga, “O que aconteceu?”. Eu contei graficamente tudo o que aconteceu na noite anterior. Gabriel mais intrigado que eu: “Que estranho, também não me lembro dele. Aliás, estava achando esse moço bem promissor porque não era ninguém do seu passado. Como você gosta dar uma volta lá atrás, né?!” Combinamos de conversar mais tarde na festinha que ia ter na piscina do prédio dele. Mesmo atrasada consegui entregar a revisão. Com celular na mão, meu polegar deslizava pela tela. “Oi...” Deletava. “Quer dizer que a gente já se conhece de outros filmes.” Deletava, não era hora de ser engraçadinha. “Você estava só brincando comigo?” Deletei outra vez, ele definitivamente não estava brincando e eu sabia muito bem disso. Não enviei nenhuma mensagem. “...Aposto que você pensou que seria como nos filmes, na hora que ele te deu um beijo você se lembraria de tudo... se for verdade que vocês já se conheceram antes.” Eu olhava distraída para o Gabriel. Ele foi enumerando todas as festas que já fomos juntos, encontros aleatórios, histórias para serem esquecidas, momentos que jamais repetiríamos. Nada, nem Gabriel nem eu conseguimos encaixar o moço em nenhum bloco da lembrança que estávamos tentando reconstruir. Será que nossa memória pode ser seletiva a tal ponto de apagar totalmente uma pessoa da nossa mente? Quando estava me levantando para pegar uma bebida meu celular tocou. Era ele.

VII

O Gabriel estava comigo naquele dia na casa do João. O dia que eu acreditava ser a primeira vez que falei com ele. Pelo que Gabriel lembrava, eles conversaram por um momento sobre música e parece que ele perguntou

se éramos amigos há muito tempo. “De outras vidas”, Gabriel disse a ele sorrindo na ocasião. “Ele está vindo para cá, tudo bem?”, falei meio distraída para o Gabriel. Estava repassando na minha mente todas as perguntas que queria fazer a ele. Na verdade eu estava envergonhada. Esse sentimento de culpa feminino que aparece sem ser convidado, ou que nós mulheres invocamos só para nos atormentar. Naquele momento eu não conseguia evitar o pensamento de que eu tinha feito algo errado, eu era culpada. Mesmo sem saber pelo quê. Fazia um pouco mais de um mês da conversa na cozinha do João e em nenhum momento eu senti que já o conhecia. Como um jacarandá em flor que te pega de surpresa quando você vira uma esquina, uma novidade que atrai. Não foi como passar por uma rua e sentir “eu já estive aqui antes”. Estava rindo de alguma história da Claudinha quando ele chegou na piscina. “Fiquei feliz de você ter me convidado para vir aqui hoje”, disse ele colocando a mão na minha cintura. Eu sorri. De repente minha mente congelou, nenhuma pergunta saiu da minha boca. Depois das sutilezas sociais devidamente concluídas ele perguntou se podíamos conversar. “Não era minha intenção te deixar constrangida ou preocupada”, começou ele a falar com pausas, como quem vai experimentando a água da piscina com os pés antes de entrar. Hesitante ele fez uma proposta. Em cada um dos três próximos encontros que tivéssemos ele me daria uma pista sobre quando e onde nos conhecemos. Me ajeitando na cadeira, olhei para ele bem desconfiada e nitidamente irritada. “Não é um jogo.”, ele se apressou, “É importante para mim que você se lembre... Quando se lembrar vai entender por que... Pressa para quê? Foram anos para a gente se cruzar novamente”. Ele pegou minha mão, “Vem, vamos beber alguma coisa...”.

VIII

Ele me levou até em casa novamente. Chegando na porta do prédio caminhei diretamente para a portaria certa de que ele estava logo atrás me acompanhando. Ele parou no meio do trajeto e me puxou pela cintura. O olhar dele foi se aproximando lentamente, os dedos dele iam desenhando minha boca como se ele estivesse lembrando os contornos de uma escultura antiga. As mãos dele foram se aprofundando no meu cabelo e desaparecendo como fantasmas enquanto nos beijávamos como se nossas bocas tivessem sido inundadas por um mar de flores. Os batimentos foram crescendo confundidos. Já não existia mais a rua, o prédio e o ladrilho embaixo dos nossos pés. Não tenho ideia de quanto tempo durou, mas assim que a rua, o prédio, os carros foram se reconstruindo no cenário ao redor do pequeno universo de corpos abraçados, o tempo voltou a ser profano. Com um sorriso ele foi demoradamente afastando seu corpo do meu. Meu olhar ficou confuso, não consegui verbalizar nenhuma palavra. Ele sorriu e disse “Boa noite”. Boa noite? Como assim ele não ia subir? Por que ele ia embora justo naquele momento? Quando meu rosto já não conseguia mais disfarçar a confusão e desencanto ele disse, “O que aconteceu com o romance?” Romance? Como eu poderia adivinhar isso: Romance? Antes de sair andando, ele ainda acrescentou: “Considere essa a sua primeira pista.” “Qual delas, o beijo ou o romance?”, perguntei quando ele já estava no meio da calçada. “As duas coisas”, foram suas últimas palavras naquela noite.

IX

Eu já havia me esquecido o que era romance. Fui para a cama pensando no quanto aquela situação era

surpreendente para mim. Se acostumar com a pressa das relações é uma armadilha fácil e raramente a gente pensa que podem existir outras maneiras de conexão. A norma é um roteiro não muito original e curto, uma sucessão de ações automáticas e previsíveis: conhecer, sair, troca superficial de informações (o que faz, no que trabalha, que lugares frequenta, hobbies, o quão “fitness” é, ONS, FWB...), contato físico ou não, segundo encontro ou não, perda do momento, explorar outras possibilidades, “oi, sumida”... e assim vai. O roteiro vira um hábito tão corriqueiro que a gente esquece que gostar e se relacionar tem a ver com outras coisas bem mais subjetivas e sublimes. Tem a ver com fruição, tem a ver com pulsação, tem a ver com detalhes, tem a ver com tempo. Gostar é tão bom. Descobrir que ele sorri com o canto da boca esquerda quando está nervoso. Que ele procura minha mão quando alguém está contando uma história. Que ele quer viver um romance, ele talvez quisesse o que ninguém quis, nem eu mesma. Eu não estaria na cidade no próximo final de semana e ele já sabia disso. “Vamos jantar na quinta antes de você viajar?” sugeriu ele na última ligação. “Vamos. Posso escolher o lugar?”, falei meio sem pensar. “Não, desta vez não.” ele falou meio que rindo. “Vou ter que esperar até quinta para a minha próxima pista?”, retribuí também meio que rindo. Suas últimas palavras ao telefone foram, “O lugar é a pista. Até quinta. Beijo.”

X

Durante toda a semana tentei marcar de encontrá-lo no local pois assim teria tempo de pesquisar a pista. Mas ele foi irredutível e disse que me buscaria e iríamos até lá juntos. Por dias eu fui consumida pelo monstro da curiosidade. Ele pode devorar sua alma, cobri-la de ansiedade e da total inabilidade de dormir. O oposto do

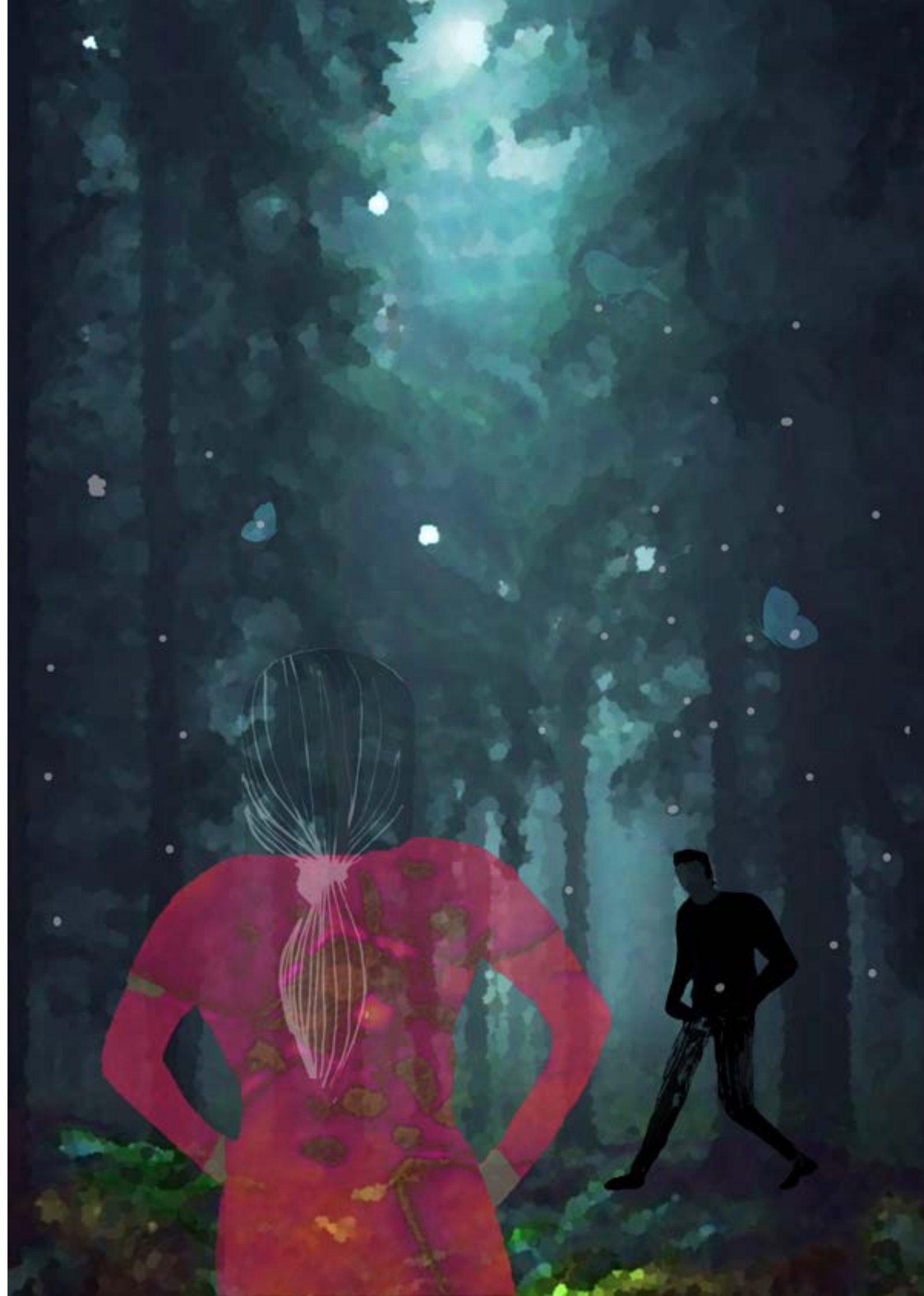
eu precisava para um encontro com o moço que eu estava ficando cada dia mais apaixonadinho. Um rosto marcado pela privação do sono era tudo o que eu não precisava para aquele dia. Às cinco horas da tarde daquela quinta-feira eu estava presa em uma reunião interminável que eu tentava a todo custo finalizar, sendo o mais objetiva possível. Tudo o que minha mente fazia era calcular quanto tempo eu tinha para chegar em casa e me arrumar: “Agora eu tenho duas horas e quarenta minutos”, “Meu Deus, eu tenho duas horas e quinze minutos”, “Pronto, não vai dar tempo, só tenho uma hora e cinquenta minutos”. Quando finalmente cheguei em casa eu tinha quarenta minutos para tomar banho e ficar pronta. Ele foi pontual. Elegante e justificavelmente me atrasei dez minutos. Chegamos ao lugar no centro e, num primeiro momento, não me trouxe nenhuma lembrança. “Positivamente nunca estive aqui”, disse eu sorrindo. Ele sorriu de volta e respondeu: “Eu imaginei mesmo”. Pontos de interrogação dançavam em ciranda no meu olhar para ele. Nos sentamos em uma mesa no canto. Ele escolheu o vinho sem me perguntar o que eu preferia. “Se eu nunca estive aqui antes, qual é a pista? O vinho?”, perguntei tentando não deixar transbordar minha ansiedade. “A pista é o nome do lugar”, ele respondeu segurando minha mão. Meus olhos correram pelo cardápio: O Bosque Encantado. Fiquei em silêncio por alguns instantes. Dei um suspiro e num tom um pouco mais agudo do que eu gostaria soltei “Gente, Bosque Encantado, eu conheço esse nome!”.

XI

Eu podia ler no rosto dele com aquele sorriso largo, os olhos brilhando, o olhar fixo em mim, que com todo os poros do seu corpo ele acreditava que eu havia me lembrado. Que por mágica minha memória se havia clareado, as

lembranças explodiam como fogos de artifício na minha mente e conseguia precisar exatamente onde e quando nos conhecemos. Eu queria tanto não o decepcionar, queria tanto entregar para ele naquele momento uma caixinha de felicidade e eternizar aquele sorriso do tamanho da via láctea. Porém havia um pequeno detalhe, aliás dois detalhes, na verdade três detalhes, e não tão pequenos assim. O nome “O Bosque Encantado” fazia parte de três momentos bem distintos da minha vida. O primeiro e que talvez já se poderia descartar de antemão é que este era o nome da primeira escolinha da minha vida. Onde comecei a socializar nos meus primeiros anos de vida. O segundo momento era uma festa na praia que fui com minhas amigas na época da faculdade, da qual aliás eu só sei que foi legendária, épica, a diversão das galáxias porque meus amigos contam as histórias, eu apenas tenho vagas lembranças daquela noite, imagens desconexas e um vestido laranja que no outro dia estava inteiramente salgado e estranhamente cheirando a eucalipto. O terceiro detalhe era que já terminando a faculdade, alguns amigos e eu montamos uma microempresa para prestar serviços na área de eventos. Era bem pequeno mesmo, na área de “RSVP”. O nome do negócio era “O Bosque Encantado” porque trabalhávamos na casa de um dos sócios que morava numa casa que tinha uma mata no fundo. Como o fundo da sala era todo de vidro e cheia de luzinhas parecidas com as de Natal, o nome parecia adequado. Enquanto eu contava a ele as três vezes anteriores que o nome “O Bosque Encantado” cruzou minha vida, eu via o sorriso se desfazendo no rosto dele. O brilho foi indo embora e um ar de confusão e preocupação foi envolvendo o lado oposto da mesa. Quando terminei de falar ele deu um sorriso bem pequenininho que mais parecia uma câimbra. Deu um gole no vinho e disse, “Não nos conhecemos no Bosque Encantado da sua infância”.

Enquanto tentava dormir sozinha naquela cama imensa. Ela parecia imensa naquela noite. “Só pode ter sido naquela festa” eu repeti para mim mesma em voz baixa. Acordei na manhã seguinte e já tinha uma mensagem dele, “Me liga quando acordar, beijo”. Passei um café antes de ligar. É importante ter um café na mão quando você vai retornar uma ligação de alguém que pediu para ligar assim que acordasse. Especialmente se você tem sentimentos românticos por essa pessoa. “Então... ainda tenho mais uma pista para te dar. Passo passar para te pegar no trabalho mais tarde? Tudo bem?”, falou decididamente. “Eu vou trabalhar de casa hoje.”, respondi meio distraída. “Perfeito. Eu passo no seu prédio umas 16h30.” Ele não me deu tempo de responder, se despediu com um beijo e desligou. Depois de alguns segundos olhando para o celular, do primeiro susto, minha cabeça se concentrou na realidade e me dei conta do tanto de trabalho para fazer para estar livre no final da tarde. Enquanto ligava o computador mandei uma mensagem para o Gabriel, “Foi na festa ‘O Bosque Encantado’ que o conheci. Me liga na hora do almoço.” Uma hora depois o Gabriel ligou, “Não aguentei esperar. Como assim naquela festa? Tirando o incidente com seu ex, eu estava o tempo todo com você. A não ser... Teve aquela hora que você deu uma sumida. Você disse que estava no banheiro. Eu acho.” Eu disse para o Gabriel que precisava pensar e ligaria para ele mais tarde. Eu começava a me lembrar de algo. Todos estavam muito alterados naquela noite, a Lu tinha levado caixas de espumante espanhol que tinha sobrado do casamento do irmão dela. Antes da festa passamos a tarde toda no sol, tomando espumante. Na festa eu me lembro de todos dançando. Encontrar meu ex com a ex dele de antes de mim. O Túlio, o ex, me chamou



de lado e disse que a ex antes de mim e agora atual estava grávida. Daí para a frente eu não lembro de mais nada. Ele foi pontual. Levei um susto quando o porteiro anunciou, e perguntou se ele podia subir. Claro. Quer dizer, ele nunca tinha subido antes. Fiquei totalmente tensa. Quando abri a porta, ali estava ele com uma pequena caixa na mão.

XIII

Ele entrou no meu apartamento como se fosse sua própria casa. Antes de sentar-se na cadeira da varanda me deu a caixinha sem dizer nada. Era uma folha seca, aproximei meu nariz mais perto para sentir o cheiro, eucalipto. Eucalipto? Eucalipto! Levantei o olhar para ele e lá estava aquele sorriso. O maior sorriso do mundo. Os olhos iluminados. Ele sabia que minha memória estava se reconstruindo. Imagens desconexas foram se empilhando na minha mente. Uma folha de eucalipto. Eu estava sentada numa pedra. Alguém me perguntou se estava tudo bem comigo. Sem olhar para a pessoa eu falei “Por que tem uma folha de eucalipto na areia se aqui não nasce eucalipto? É muito solitário existir longe de onde a gente se reconhece”. Eu olhei para cima e foi a primeira vez que vi o sorriso que agora estava na minha varanda. Eu estava chorando, então ele perguntou mais uma vez se estava tudo bem e se eu queria que ele chamasse alguém. Eu disse que não. Que eu só queria ficar ali com a folha de eucalipto, porque nós nos reconhecíamos: duas espécies não endêmicas existindo no mesmo espaço estrangeiro. Acho que ele deu gargalhada nesse momento, não sei se na lembrança ou na varanda. Eu continuava chorando. Me levantei de repente porque precisava sair dali. Ele disse que me levaria até meus amigos. Eu não queria que ele me acompanhasse. Quando já estava me afastando dele parei no meio do caminho por

dois segundos e olhei para a folha na minha mão. Caminhei de volta até ele. Coloquei a folha nas mãos dele e disse “Se um dia a gente se encontrar longe daqui, onde eu não me sinta estrangeira, você me entrega essa folha e eu deixo você me acompanhar a qualquer lugar.”, dei um beijo de leve no canto da boca dele e desapareci no meio das pessoas. Ele continuava olhando para mim lá da varanda. Eu não conseguia falar nada, nem caminhar até ele. Só conseguia olhar para a folha na minha mão. Só percebi a presença dele na minha frente quando ele estava dizendo “... a qualquer lugar. Eu escolho aqui.” Não me lembro se eu falei alguma coisa. Mas daquele momento nós nunca mais saímos.

Entenda. Entende?

Thabata Arruda

Sabe aquela sensação de alma atada a coisa nenhuma? Aquela fuga que nunca chega ao fim, mas que ainda assim causa, ainda cansa? Esse cansaço oscila. Tem dia que o corpo não sente, simula, em outro é como se, realmente, existisse um mundo repleto de aleatoriedades em mim. Mais precisamente na cabeça e aqui, no peito, entende? Você chega a acreditar que não funcionará mais, de forma alguma. E então, vem uma bebida esquentar, um corpo roçar, e tudo fica bem. A parte ruim, claro, é que no dia seguinte a provável desordem causada é percebida. E... Volta a sensação de alma atada, presa.

Você corre e corre, tentando soltar qualquer resquício de coisa triste que passou, mas elas estão lá, as coisas. Sendo arrastadas, um pouco em cada pé, fazendo barulho. Às vezes, gritam. E o que fazer? Eu-não-sei. Eu trago um cigarro, entro em um bar e finjo segurança. É mais cômodo, entende? Entende quando digo isso tudo? Entrei nesse bar nessa condição: alma atada, pés pesados e tudo mais. Mas quem diz? Entenda, tudo o que abandonei, nós, aquela cidade, aquele espaço, está aqui ó, em um dos meus pés, gritando, querendo ser lembrado, chorado, e o que fazer? O que fazer com isso tudo que me causa estafa de tanto que transborda? Você não sabe? Entenda, toda narrativa triste, foi apenas pretexto para dizer a você que a única condição que não abandonei, foi a de ser eu. Parece bagunça, mas estou apenas me desatando de tudo que está aí e não diz mais nada sobre mim. Preciso respirar, entende? Eu quero.



Sobre nós



Leila Vilhena

Editora e escritora

É escritora com participação em várias coletâneas, como a do Selo Off Flip, da Feira Literária Internacional de Paraty, e foi a vencedora do concurso de originais para o público infantil da Editora Suíço Brasileira Helvetia Edition. Tendo seu primeiro livro infantil, Senti Saudade das Cores, publicado como premiação, em 2020.

Também atua como produtora e gestora cultural. Feminista, desde 2018 está à frente do projeto Ocupa Beauvoir, uma ação que promove o debate e visibilidade de escritoras mulheres frente à desigualdade de gênero no universo literário. Tal projeto foi representante do Brasil no Laboratório Internacional de Inovação Social da Secretaria Geral Ibero-americana em Rosário, Argentina.



Francielle Rezende

Produtora e escritora

Dedica-se à Escrita Criativa, sendo vencedora do II Prêmio Literário da PUC Minas (2019) na modalidade “conto”. Artista mediadora na Oficina “Uma Palavra Puxa a Outra” (2020) pela Lei Aldir Blanc. Selecionada como autora estreada nas modalidades “poesia” e “crônica”, no Prêmio Off Flip de Literatura (2021).

Faz parte da equipe de produção dos projetos “Rádio Traquinagem” — podcast literário baseado em temas transversais para auxiliar as escolas e professores enquanto material de apoio — e “SLAM nas Escolas” — oficina de escrita criativa e poesia falada no Ensino Médio. Também atua como Tutora na Escola Lumiar de Poços de Caldas, onde desenvolve projetos pedagógicos com foco na aprendizagem ativa.



Renata Couto

Escritora

Como a vida é tecelã imprevisível, ela foi desenhando sua vida profissional desencontrada da escrita, primeiro a faculdade de Turismo, depois a pós-graduação em Recursos Humanos e mais tarde em Estratégia de Impacto Social. Mas a escrita sempre esteve ali, nos trabalhos extras de tradução, na revisão de texto, nos registros de viagem, na invenção de personagens e criação estórias para essas criaturas que a acompanham desde a primeira mala de viagem. Hoje Renata tem uma empresa de tradução, a “Conectres”, mas prefere dizer que seu trabalho é conectar mundos através das palavras. Já publicou um livro corporativo sobre a vida dos expatriados da empresa em várias partes do mundo: “A Collection of Travel Experiences from International Assignees”. Mais do que um dia publicar suas histórias o sonho dela é, com sua escrita, trazer as pessoas de volta para o lar de seus corações.



Poliana Magalhães

Escritora

Inquieta. Dedica-se aos livros e às pessoas como professora, ghostwriter e editora de textos. Tem se aventurado na escrita e seu conto estreado foi selecionado pelo prêmio Off Flip 2021.



Lídia Kellen

Escritora

Uma jovem que sempre gostou de escrever e participou de muitos eventos literários e oficinas de escrita. No projeto educacional de poesia marginal “SLAM nas Escolas”, deslumbrou-se ao chegar nas finais e ganhar em primeiro lugar na sua participação em 2019. A partir dali começou a perceber a escrita como um espaço de voz e escuta, e assim, passou a escrever mais e mais. Meses depois descobriu uma doença que a deixou desmotivada para fazer suas poesias, mas achou um refúgio em meio a isso e escrevendo acredita que palavras podem ressignificar a sua vida.



Maria Izabel

Escritora

Uma adolescente que encontrou o amor pela escrita em um projeto de EJA, onde teve que enfrentar muitos medos, entre eles o do desconhecido e da convivência. Em uma sala pequena com vários alunos e com ajuda de seus professores ela descobriu que era boa em algo. Maria Izabel se percebe boa em escrever! Em 2019 participou de uma oficina de escrita criativa e ampliou o seu repertório e ferramentas para se expressar. Hoje sonha em viver da sua arte e da sua poesia porque é através das palavras que se sente integrada. Tudo o que ela quer é que as pessoas a leiam, olhem-na e a veja. Faz parte do Slam ZS



Marcelle Mórias

Escritora

É professora por encantamento. Brincante por distração. Escreve por liberdade e transbordamento. Formada em Pedagogia com especialização em Sociologia da Infância. Envolvida em projetos educativos e culturais. Escritora iniciante. Professora no município de Poços de Caldas, junto com as crianças, é idealizadora do Projeto Andorinha, entrevistada convidada no documentário ‘Respire: Arte e Educação’ (Hip Hop em cine), produtora cultural na Rádio Traquinagem e residente criativa na BiblioHackLab – projetos realizados pela ONG Casa da Árvore.



Paula Azevedo de Ávila

Escritora

Mineira, pedagoga, capricorniana. Gosta de brincar. Brinca de ser aluna para ser professora, vê a Escola como lugar do aprender, mas principalmente como território do brincar, espaço de troca, de diversão, de jogo, o chão da imaginação. Descobriu na poesia outras formas de brincar. Brincar com as palavras. Foi no encanto com a poesia marginal que tomou coragem para escrever. De si e do outro. Desde muito jovem mostra empatia às causas sociais, tem um olhar humanizado e tudo o que diz respeito ao ser humano lhe toca profundamente, de modo que as suas escritas permeiam tanto o descontentamento com as desigualdades, quanto o encantamento com as diversas formas de manifestação da beleza que dizem tanto sobre a humanidade e vão muito além das vulnerabilidades. Paula traduz, assim, a força das mulheres, a resistências das comunidades e o brincar das crianças.



Thabata Arruda

Escritora

Pesquisadora musical, curadora e produtora. Começou na música há 18 anos como coralista, transitando mais tarde para as áreas de produção e pesquisa musical. Radicada em Poços de Caldas desde 2020, antes, passou por instituições paulistas como Centro Cultural da Penha e Movimento Cultural Penha. Também foi parte da startup de música 2DL, onde co-fundou a daleGig, premiada plataforma digital de gestão e construção de turnês musicais.

Há dois anos se dedica à pesquisa com foco em mercado musical, diversidade e gênero. Seus últimos artigos sobre os temas foram publicados através do Selo Sesc. Em 2021, seu levantamento “A presença feminina nos festivais brasileiros de 2019” venceu a 4ª edição do Prêmio SIM (Semana Internacional da Música), na categoria Inovação: pesquisa em música.



Karen Venturelli

Ilustradora

É ilustradora e artista plástica, além da atividade de arquiteta e fotógrafa. Em 2016 abriu seu atelier e estúdio de design de superfícies em Poços de Caldas, MG, no entanto, foi nas artes plásticas que encontrou sua mais autêntica forma de expressão pessoal. Trabalha tanto com acrílica sobre grandes telas e painéis em madeira, como tem se dedicado à produção de arte digital a partir da elaboração, à mão, de desenho, aquarela e colagem tratados posteriormente com ferramenta tecnológica. Sua arte é marcada pela representação abstrata de figuras humanas, pássaros e flores; com o uso de cores fortes e contornos bem delineados representando significados relevantes ao mundo contemporâneo.



Letícia Conservani Ortiz

Designer

Artista digital responsável pela parte gráfica da Revista 9 3/4, um projeto realizado na Biblioteca da Urca pela Associação Casa da Árvore com foco em literatura juvenil. Também participa como designer no projeto Ocupa Beauvoir onde foi responsável pela produção gráfica da série de posters “assassinadas” para a ação de ocupação junto ao Barco Pirata na FLIP - Feira Literária Internacional de Literatura de Paraty.

É estudante de Publicidade e Propaganda, na PUC Minas, onde foi monitora como diretora de arte.



Nadja Moreno

Revisora

É revisora, contista, resenhista, mulher e mãe. Se harmoniza com as palavras escritas desde que se conhece por gente e foi durante a pandemia de 2020/2021 que entendeu que era nas letras que seu caminho profissional morava. Deixou para trás o emprego de mais de dez anos como professora de formação profissional para viver da literatura e do apoio aos que também fazem da escrita sua morada. Nunca se sentiu tão em casa!



MUNICIPALIDAD DE
POCOS DE CALDAS
CULTURA



2021
Pocos Curto em Casa

